

As vizinhas. As vizinhas cujas conversas e coscuvilhices ele tão bem – e, pelos vistos, *tão mal* – adivinhara.

*

Para gáudio das duas senis indiscretas, encontrarem a câmara onde estava detido o mestre foi mais fácil do que podiam supor.

“Mestre. O sacrifício da vossa filha Valéria foi duro mas valeu a pena. Estais livre e nós aqui estamos para servir-te.”

Não é certo se elas teriam completa noção do significado das palavras que estavam a proferir. Talvez sim, talvez não. O certo é que o mestre não se coíbiu e aceitou a oferta. Saltou voraz sobre os corpos delas, que despedaçou e sugou e bebeu e devorou até se sentir, ligeiramente, recuperar as forças. Ao fundo, nos corredores do santuário, ouviam-se gritos. Uns de terror, outros de coragem, a dar o alarme.

O monstro está livre!

Acudam!

Não fujam, temos de o enfrentar!

Salve-se quem puder!

Socorro!

Estamos perdidos! Está tudo está perdido!

Drácula sorriu. O mundo tinha esperado tanto tempo que bem podia esperar mais um pouco. Antes de sair, que diabo, iria divertir-se um bocadinho. E empalar uns quantos frades e corromper umas quantas freiras. Não, ali não haveria freiras. Esta confraria era a misoginia encarnada. Enfim, nada que não pudesse ser resolvido a seu tempo. Olhou distraidamente para o corpo de Helsing, caído nas escadas, numa posição impossível, desarticulada, um pé para um lado, um braço partido para outro, o que fazia dele uma espécie de suástica humana. Drácula suspirou, quase condoído com a sorte de Helsing, aliás José Alberto da Silva Ferreira: caramba, ele havia homens que lidavam mesmo muito mal com o processo de divórcio. Tanto que, coitados, se punham a imaginar histórias.

COMO TOCAR VIOLINO

Susana Caldeira Cabaço

A nossa história começou porque Alice queria tocar violino.

Desde sempre que queria tocar violino, sentir o vibrar das cordas sob os seus dedos, a mão delicadamente firme a segurar o arco, cabeça inclinada e olhos fechados, o deleite do som a espalhar-se pelo auditório em suspenso e, no final, a apoteose das palmas. Em sonhos via a sua figura esguia num palco, a roupa escura a contrastar com o tom absolutamente alvo da pele, as suas mãos de dedos finos segurando um *Stradivarius* que dominava o mundo, homens e mulheres presos nas cordas do seu violino e hipnotizados pelos movimentos do arco. Nos sonhos toda a sua existência estava concentrada naquele pequeno instrumento e, cingida e vibrante como uma corda naquele desejo, ardiam-lhe notas nas mãos que compunham música imortal e sublime. Mas não sabia tocar violino. Agora era tarde, tarde de mais para iniciar semelhante odisseia pelo mistério dos arcos e das cordas, pelo que se limitava a observar a felicidade dos outros.

Em todos os finais de tarde de sexta-feira Alice podia ser encontrada no auditório da Gulbenkian. Talvez alguém a tenha visto. Era aquela mulher já bem entrada nos 40, sentada na plateia A, do lado esquerdo, perto dos primeiros violinos. Nessas sextas-feiras saía cedo do trabalho e naquele específico dia era Inverno, vestiu o sobretudo antigo e fora de moda, apertou-o junto do peito, soltou os caracóis do cabelo e saiu para o frio do final da tarde já escuro. Como era uma trabalhadora exemplar,

pontual e produtiva, o chefe permissão-lhe estas escapadelas de fim de tarde às sextas-feiras. Saiu da Repartição de Finanças para as ruas da Baixa, já iluminadas do Natal, enxameadas por gente apressada nas compras. Subiu ao Chiado, viu as montras da moda, suspirou pelo dia em que teria a ousadia de vestir tais roupas. Um dia, Alice, um dia...

Lá ia Alice, Chiado acima, estava frio, chovia, a chuva era sempre uma contrariedade que não conseguia dominar. Não gostava de chuva, impedia-lhe a liberdade do caminhar, causava-lhe desconforto, molhava os sapatos e obrigava-a a abrir o chapéu de chuva e ela não gostava daquela prisão das mãos ao chapéu, à mala e ao saco da Fnac com as recentes aquisições. Parava sempre na Fnac, demorava-se entre o conforto mudo dos livros, CD e DVD e levava sempre alguma coisa para o solitário serão das noites. Naquele dia centrou as suas atenções na busca que a ocupava já há dias, mas novamente se frustrou qualquer encontro com gravações do violinista Dario Cannourids e partiu levando apenas uma versão do concerto para violino e orquestra de Sibelius que ainda não possuía – mais uma para juntar a outras na satisfação de uma verdadeira obsessão pela obra que havia adquirido ao longo dos tempos. E, como sempre lhe acontecia quando se deparava com aquela obra, uma inquietação dominou-a, algo que nunca conseguira justificar. Perante aquele concerto, Alice experimentava uma sensação inexplicável, como se a sua vida se movesse ao som daquela música. Mas naquele dia Alice explicou aquele sentimento pela coincidência entre a descoberta de mais uma gravação e o concerto daquela noite: pela primeira vez, iria escutar ao vivo a obra de Sibelius.

Caminhou em direcção à estação de metro do Chiado, preferia aquela junto ao Largo do Carmo para subir o Chiado até ao fim, ver as montras, o Fernando Pessoa carregando turistas ao colo, sentir o cheiro dos bolos e das castanhas assadas no Inverno. Mesmo com chuva. Entrou na estação do metro, segurou-se ao corrimão para não escorregar e prosseguiu nas escadas rolantes até não terem fim. Alice gostava de escadas rolantes, levavam-na onde queria sem demora e sem a inquietação da queda. As carruagens carregavam o calor dos corpos que embaciavam os vidros, ao final da tarde era insupportável, outra contrariedade naquele ritual, Alice não gostava daquele contacto físico com estranhos nem de lhes sentir os odores e as dores que se foram acumulando na pele durante

todo o dia e ainda mais detestava adivinhar-lhes os pensamentos mais íntimos. Saiu na estação junto ao *El Corte Inglés*, apreciava andar aquele bocadinho até à Gulbenkian e apanhar frio no rosto para se sentir viva.

Alice é um vampiro.

Adolescente sonhadora do amor eterno, do príncipe perfeito, da alma gémea, Alice viveu durante anos enfeitiçada pela música saída do violino de Antoine Vladdpuim, seu vizinho do lado. Bem implorava aos pais para lhe concederem a bênção de produzir tão maravilhoso som com as suas próprias mãos, mas o espírito prático do pai apontava-lhe a inutilidade de tal ofício e a mãe a necessidade de agradar a Deus de outras formas. Assim, vivia colada à parede do quarto a beber aquele som, apaixonando-se pelo seu feitor até se atrever a um contacto directo.

Antoine recebeu Alice de braços abertos; gostava da adoração da jovem e tocava-lhe vezes sem fim as peças favoritas. Para ela foi o encontrar do seu príncipe como nos contos de fadas, um homem de paragens longínquas, de ar aristocraticamente belo, que tocava violino como um deus. Antoine surgiu misteriosamente, como vindo do nada. Pouco se sabia daquela singular personagem, apenas que era estrangeiro, algures de um país indefinido do Leste europeu, amante de violinos desde a sua nascença, pois possuía uma pequena oficina onde os criava com as próprias mãos, da forma tosca em madeira até ao brilho final, fazendo-os soltar música. Da adoração casta pela música até aos prazeres mais prosaicos foi um instante e cedo se viu nos braços do seu príncipe a receber juras de amor eterno.

A primeira vez de Alice surgiu repentinamente, num dia de chuva invernososa que teimava em dedilhar os vidros da janela da sala, quase em unísono com o *pizzicato* de Antoine. Foi nesse dia que o tomou nas mãos, o corpo dele colado ao seu, os braços rodeando-lhe os ombros, as mãos dele nas suas. Seguiu as orientações que Antoine lhe sussurrava junto do ouvido como se as escrevesse com os lábios na sua pele.

– Como as coordenadas de um beijo... Deves segurar o violino entre o ombro e o lado esquerdo do queixo.

Alice seguia com dedicação e enlevo as instruções técnicas de Antoine, a colocação do violino, a posição do tronco, das pernas e dos pés. Parecia-lhe um esforço quase sobrenatural aquela precisão de movimentos que via Antoine realizar com a ligeireza de um bailarino. Mas não desistiu

e, ao fim de algum tempo, conseguiu manter por minutos aquele alinhamento quase militar. Por fim Antoine iniciou-a no conhecimento das cordas e do arco, colocando-lhe delicadamente as mãos na posição correcta, corrigindo-lhe suavemente a postura. Alice sentia na sua mão esquerda o corte das cordas, na sua mão direita as câlbras do arco e no seu pescoço a respiração e o roçar dos lábios dele. Lutou por concentrar-se nas suas mãos mas, aos poucos, os seus pensamentos voaram para o que sentia noutros lugares, para sensações nunca sentidas até então.

Era muito mais do que sonhara. A superfície macia do corpo do violino contrastava com a aspereza das cordas que lhe marcavam os dedos. O poder daquele instrumento misterioso, que sempre pensara usar para o domínio dos outros, dominava-a a ela num *pas de deux* de melódicos idlíos e angústias corpóreas. As dores sofridas no corpo intercavalavam com notas cristalinas que algumas vezes conseguia arrebatrar àquele pequeno ser que a desafiava e desafiava até às lágrimas. Alice permanecia de pé, no meio da sala mergulhada na penumbra fria feita de cortinas negras que teimavam permanecer cerradas e da ausência quase total de mobiliário. Os seus pés como que pairavam sobre o soalho despedido de tapetes e só levemente se apercebia de Antoine por trás, junto a si. Apenas as mãos dele tocavam nas suas, por vezes sentia o roçar do cabelo e da roupa um do outro, quase uma presença inaterial, um espectro que pairava à sua volta vigiando-lhe os movimentos e que a mantinha presa no centro daquela sala despida e cada vez mais escura. Mais presente e corpóreo, unia-os o violino. Naquele primeiro dia passaram-se horas, o tempo era marcado pelo enegrecer que succumbia lá fora e inundava a casa até ao acender do candeeiro na rua junto à janela e que projectava uma luz fina e amarelada que entrava através das cortinas e percorria a sala. Mas na sala o tempo estava suspenso entre os dois corpos quase unidos pela música que começava a nascer das mãos dele sobre as dela nas cordas e no arco.

O encantamento que Alice sentia não lhe permitiu surpreender-se com a sofreguidão com que Antoine, no dia da primeira vez, lhe beijou o pescoço de forma demorada até perder as forças. Assim pensou ela que nunca havia sido beijada, pelo menos daquela forma. Sentiu os lábios dele na sua pele, depois os dentes que se cravaram na sua carne e de seguida aquele sugar da sua força vital. Uma fraqueza invadiu-a como

sono, o corpo a desfalecer aos poucos, primeiro as pernas, depois aquele torpor a subir-lhe pelo tronco até deixar cair o violino inanimado no chão. Alice, quase morta, via aquele líquido quente e vermelho cobri-lhe as roupas, correndo em fio atrás do violino até ao chão. Amparada nos braços dele, sentiu nos lábios aquela bebida espessa e fria que engoliu com esforço. Era a sua primeira vez e nada se poderia comparar com esse momento de sublime encantamento e entrega. Foi, para sempre, a medida de todos os outros que se lhe seguiram, onde Alice procurou sempre um vislumbre daquele dia, uma repetição do que é absolutamente único. Nunca mais conseguiria dissociar aquele início de sangue com a experiência de solar notas de um violino também pela primeira vez.

No dia em que Alice se entregou de corpo e alma, Antoine bebeu-lhe o sangue, dando o dele a beber. O sangue dela tinha o sabor doce dos chocolates que ele lhe oferecera e o dele o sabor de todos os outros que já bebera até então. Era esta a única eternidade que Antoine lhe ofereceu, não de amor, mas da sua agonia perene por saciar aquela avidez de sangue nos corpos dos outros. Como surgiu, Antoine desapareceu levando o seu violino. Logo no dia seguinte Alice constatou que a casa se encontrava fechada, sem sinal de qualquer existência ou mesmo do que se havia passado no dia anterior. Verificou a oficina, também vazia e abandonada, sem qualquer vestígio da passagem dele. Antoine desapareceu repentinamente sem deixar rasto, deixando Alice entregue a uma vida que lhe era desconhecida, acabando-lhe com todos os sonhos de adolescente e sem qualquer preparação ou conselho sobre a sua nova condição de filha da noite. Voltou ao seu quarto, agora vazio da música de Antoine que outrora lhe trespassava as paredes. Alice recolheu-se, então, na memória do tempo passado ao ponto de ouvir de novo o violino de Antoine marcado no seu corpo com uma profundidade nunca antes sentida.

Alice não gostava de ser vampiro. Apesar da experiência singular e quase divina da sua primeira vez, repugnava-lhe aquela existência prisioneira na sede, o vaguar nocturno por sangue fresco que a impelia contra a sua vontade. Preferia o ronronar do quotidiano, os gestos pequenos que repetia dia a dia, aquelas pequenas satisfações que obtinha dos rituais de sextas-feiras. Doía-lhe aquela fraca tolerância ao sol que a forçava a usar protector solar todos os dias, a impedir de ir à praia, que lhe

impunha a mentira de afirmar que os eczemas que constantemente lhe flagelavam a pele eram apenas psoríase e que a palidez persistente pintada de veias azuladas nada mais era que anemia. Privada dos prazeres culinários e assolada pela característica aversão ao alho, Alice foi deixando a companhia de amigos e familiares cujos convívios sempre passavam por belos repastos. Nunca mais voltou à igreja para desgosto da mãe. Não podia sequer entrar. Bem gostaria, seria uma oportunidade de indagar junto do Criador a razão do seu estado eterno. Mas a porta era-lhe sempre barrada pelo crucifixo que lhe provocava dores lancinantes no corpo.

Conviver com semelhante condição passou a ser o seu maior tormento. A mentira tomou-lhe os dias e a busca as noites. Evitava como podia saciar a sua secura nos outros humanos, como ela havia sido em tempos, mas igualmente lhe causava asco ver-se forçada a servir-se dos cães e gatos vadios que dizia-se às dúzias. Apenas uma vez por semana se permitia ao luxo do sangue humano. Às sextas-feiras Alice seguia, atormentada pelo desejo, a vergonha de ser o que é e o impulso vingativo de se alimentar de música e de violinistas. A culpa era do violino. E dos violinistas. Por isso Alice devorava-lhes a música e, de seguida, o sangue.

Naquela sexta-feira o programa previa-se morno, culminado com o concerto para violino e orquestra de Sibelius. A orquestra residente seria regida por maestro conhecido mas o solista era-lhe desconhecido. Dario Cannourids parecia ser um violinista-fantasma. As buscas que realizara no Google saíram goradas e nem tão-pouco encontrou gravações em que tal nome surgisse. Aquela aura de mistério que parecia rodear a figura desconhecida do violinista impunha a Alice uma aflição até então desconhecida. Nesta sexta-feira teria de improvisar a forma de abordagem, a condução do solista até aos jardins desertos e escuros da Gulbenkian, e ela não gostava de improvisos nem improvisos. Habitualmente planeava cada sexta-feira ao mais minucioso detalhe, estudava a sua vítima e estruturava cada passo e momento do ataque até à exaustão.

Ao contrário do que se vê nos filmes e se lê nos livros, os ataques de vampiros não chamam a atenção de caçadores de almas penadas mas sim das autoridades. Alice consumira toda a ficção existente sobre os seres em que ela própria se transformara, única forma de aprendizagem

sobre a sua condição, e verificara, com desalento, que salvaguardando as características clássicas apontadas, a vida de um vampiro em nada se assemelhava à ficção. Não há *glamour* na perseguição farruda de outros seres para lhes acabar com a vida até à última gota de sangue, a sensualidade da mordedura é inexistente face à conspurcação que gera e o romantismo da luta entre os bons e os maus é sanado pelos pormenores cominhos que em cada um dos lados se impõem. Alice bem gostaria que não fosse assim e que fosse possível saciar-se impunemente. Mas tinha de tomar cuidados que não surgiam nos livros e nos filmes, não ser vista ou associada à vítima, usar luvas para esconder impressões digitais, prender o cabelo para que nenhum se solte, limpar o sangue que sempre lhe manchava as roupas.

Naquela dia ainda pensou em desistir. Não tinha plano, desconhecia por completo a forma como iria abordar Dario Cannourids e levá-lo de forma discreta para os jardins. Pensou em socorrer-se do esquema habitual, animais vadios, ou mesmo da forma como matava o seu desejo de sangue humano nos meses em que não havia concertos, utilizando os homens incautos e lascivos dos classificados dos jornais. Alice caminhou em direcção à Gulbenkian e os seus passos hesitavam por entre as obras do metro e a vontade de fugir ao inesperado. Acabou por ceder àquela fome de violino e sangue e subiu as escadas que davam acesso ao edifício. Ainda era cedo, dirigiu-se ao bengaleiro onde depositou o seu casaco, deambulou pelo espaço observando as poucas pessoas que ia reconhecendo como os habituais das sextas-feiras. Entrou no auditório quase vazio e dirigiu-se ao seu lugar conduzida pelo rapaz com ar de estudante universitário. Sentou-se direita e aguardou o momento em que a orquestra entraria e se acomodaria, afinando os instrumentos. Do seu ponto privilegiado de observação, Alice recordou a forma como Antoine afinava o violino e comparou os seus gestos com todos os violinistas da orquestra. Antoine tratava o seu violino com a paixão de um amante, mimava-o e acarinhava-o antes de tocar. Os gestos dos violinistas da orquestra pareceram-lhe mecanicamente desapaixonados, gestos de quem cumpre uma obrigação.

As obras iniciais seguiram ao mesmo ritmo lento da sua ansiedade crescente. Era noite e a noite dominava-a, aguçava-lhe os sentidos e a sede ao ponto de sentir a vermelha seiva correr nas veias de todos os seres vivos

que a rodeavam. Apurava-se até ao êxtase o odor a sangue, uma miscelânea que a agoniava. Alice era especialmente sensível aos sabores e aromas e preferia um sangue mais puro, livre dos amargos causados por medicamentos, do fétido da doença e dos maus hábitos alimentares.

Após o intervalo, finalmente Sibelius. A sala em suspenso pela entrada de Dario Cannourids e Alice tinha os sentidos apurados no seu auge, sentia o remexer nas cadeiras no final da plateia, o pigarrear no balcão e um odor vagamente conhecido que se começava a instalar vindo de longe. Sonhava com o solista, presentia-lhe o pescoço tenso, o movimento do arco, as cordas a vibrarem sob os dedos. Entrou Dario Cannourids, uma figura alta de passo seguro e Alice ficou de olhar preso, não pelos habituais motivos, mas porque algo nele lhe era familiar. Observou a forma como limpava o violino, o arco, como afinava o instrumento. Era ele, parecia mais velho, o que era impossível, Alice sabia que ele não envelheceria. Mas era ele, os movimentos únicos e irrepetíveis, a figura exótica e aristocrática de Antoine Vladdpuim. Durante a obra Alice ganhou certezas, o Sibelius de Dario Cannourids era o violino frio de Antoine que surgia novamente na sua vida da mesma forma súbita e inesperada como surgiu da primeira vez. O seu incontornável desejo por sangue humano deu lugar à ânsia que era enfrentá-lo ao fim destes anos de ausência inexplicável, desde aquele dia em que a eternizou para a morte e desapareceu sem deixar qualquer vestígio de existência.

O arco do violino dele retalhou o seu coração inerte às primeiras notas: o som era cortante e fino como foram os caninos dele, anos atrás, a invadir o seu pescoço. Alice sentiu o pouco de sangue que lhe corria nas veias gelar ao ver mais uma actuação que deixava o público assombrado no seu violino, a raiva consumia-a por ver que nada mudara, aquele talento demoníaco de predador que a amaldiçoara para sempre e que a condenara a uma existência de trevas. O primeiro andamento tomou sombrio no auditório, os sentimentos de vingança envolveram-na, interrogou-se sobre a melhor forma de o fazer sofrer enquanto se deixava seduzir pela música que saía daquelas mãos malditas e daquele instrumento que já vira o seu sangue correr-lhe pelas cordas. Lutou por manter aquele escuro sentir mas o arco daquele violino desvanecia-a de volta aos momentos de plenitude no interior do seu quarto com o ouvido colado à parede, ao seu recanto na sala da casa de Antoine onde

bebia a música dele, aos dias em que estava viva. Por momentos a música ainda falava da felicidade possível ao lado dele, agora que eram ignais, ambos filhos da noite, criaturas negras e solitárias movidas apenas pela paixão do sangue e do violino. Mas Alice sabia que tal era absurdo, nunca poderá existir vida normal entre dois seres nefastos e inertes, cujo único desígnio é mortificar o mundo com a sua cobiça sangrenta. Despojou os seus pensamentos daqueles sonhos impossíveis de alegrias humanas que ainda lhe restavam ao som das últimas notas do primeiro andamento. Estava decidida, era altura de mudar tudo, tinha o mundo à sua frente e à sua disposição, era invencível e imortal, sentia uma força inesperada que nunca antes lhe asoberbara a noite e, pela primeira vez, sentiu realmente o júbilo de ser a caçadora.

É sempre difícil surpreender um vampiro, ela própria sabia que, desde a sua transformação, durante a noite, os seus sentidos estavam apurados como os de um animal, qualquer som, cheiro ou sabor imperceptíveis a um humano invadiam-na inexoravelmente. Antoine também era assim, tinha mais experiência que ela e por isso seria sempre difícil iludi-lo. O melhor momento para capturar um vampiro seria, certamente, quando se alimentava. O sangue quente e vivo dos humanos, no instante em que lhe invadia e corria nas veias mortas e frias, provocava um estado de absoluto êxtase, uma sensação de renascimento efêmera que embriaga. É a ténue oportunidade de tais sanguínárias criaturas terem de novo uma aparência de vida, uma pequena vela que ilumina num ápice a escuridão, tempo breve em que voltam todas as fragilidades humanas. Será nesse momento que Antoine poderá ser interceptado e confrontado, pensou Alice, enquanto o segundo andamento a invadia e lhe tranquilizava os pensamentos, dava-lhe a capacidade de raciocinar friamente e de analisar a situação em todas as suas vertentes. Tomando as vestes de estratégia traçou o seu plano ao ritmo metuculoso e preciso do *Adagio* de Antoine.

A dança desafiante do violino de Antoine no terceiro andamento deu alento aos seus desígnios. Alice, na plateia, guerreira solitária, aguardava a melhor oportunidade. Ele, com o seu exército de cordas, madeiras e metais, em constante e ostensivo incitamento à luta. Puxado pelo som grave das cordas regressou a ela o estado de animal prestes a lançar-se sobre a presa. Em todas as notas que se iam soltando pelo auditório

anunciava-se a brevidade da luta. O duelo entre os seus pensamentos mais profundos e o virtuosismo arrebatador de Antoine dominava a sala, a batalha que se adivinhava entre eles era previamente celebrada com estrondoso aplauso, instante ideal para Alice se retirar com descrição. Compreendia agora a sua obsessão. Há anos que aquela obra de Sibelius a consumia, ouvia-a incessantemente, buscava compulsivamente todas as gravações e versões existentes como se cumprisse um desígnio superior, como se aquela música sombria e inquietante fosse núncio do seu destino. E era. Agora Alice recordava com nitidez, Antoine tocara para ela excertos, aquele tema do primeiro andamento que parecia um grito animal lírico, daquele concerto pouco tempo antes de a iniciar no mundo dos violinos e das trevas. Reconhecia, naquele momento, a música como aviso de mudança, anteriormente de transformação e agora de vindicação. Mas sentia algo mais, mais do que o sentimento de vingança tão comum nos homens e que lhe deveria ser estranho no mundo dos seres que estão para lá da vida.

Alice saiu do edifício para o jardim carregando dentro de si a fome de cumprir a música que há pouco a devorara e aguardou a saída dos músicos, única oportunidade para um confronto. Sabia que Antoine sentia a sua presença assim como ela a dele, pelo que o efeito da total surpresa nunca iria surgir. Seguiu-o pelo jardim, ele acompanhado por uma jovem mulher que reconheceu como a flautista da orquestra. Pararam num recanto escurecido por árvores altas e arbustos densos. Alice parou também, oculta nas sombras, observando aquele comportamento familiar de predador, aqueles instantes que se antecediam o ataque fatal e que ela própria vinha repetindo ao longo dos tempos. O momento certo, pensou, o momento em que ele se deleita com o sangue dela, está mais frágil, vulnerável aos ataques enquanto está temporariamente inebriado pelo fluxo de sangue fresco e vivo a entrar-lhe nas veias e artérias mortas, única altura em que se experimenta novamente a sensação de estar vivo.

Alice seguiu na direcção deles, Antoine segurava a flautista desfalecente nos braços enquanto se embriagavam de vermelho um no outro, e não vira Alice surgir. Embora Antoine sentisse vagamente a presença dela perto não a viu recolher a flauta de prata do chão e avançar na sua direcção com ela em punho como uma estaca. Antoine apenas tomou

plena consciência da presença de Alice tarde de mais, no momento em que esta o derrubou, fazendo-o cair no chão desprotegido, de peito aberto. Surpreendeu-se com a força dela, afinal era vampiro novo em contraponto a ele com séculos de existência que o vinham fortalecendo cada vez mais. Alice sabia que a flauta seria uma arma imbatível. A prata é um veneno, mas nas suas mãos enluvadas era inofensiva. Cravada no coração morto de Antoine seria o fim. Não hesitou: segurou bem alto a flauta, bem acima da sua cabeça e, com uma força que ela própria desconhecia, cravou-a em cheio no coração de Antoine.

Alice nunca antes tinha assistido à morte de um vampiro. Em bom rigor o único vampiro que conhecera era Antoine e era ele que agora estava morto. Mas como matar o que está morto? Olhou o corpo agora totalmente desprovido de existência de Antoine, uma pedra como aquelas que a rodeavam que se desleza em pó e que se misturava na terra, eliminando para sempre aquela figura de séculos num insignificante momento de cinzas. Não há nada de luminoso na morte de um vampiro. Não há luz ao fundo do túnel nem epifania ou arrependimento. Um total extermínio tão instantâneo como longa é a existência de noite e sangue.

A flautista pareceu recuperar daquele torpor causado pela privação súbita de sangue e Alice despertou. Era necessário suprimir todos os indícios, tudo o que se passou deveria ser anulado e apressou-se a terminar a tarefa iniciada por Antoine. Antes que a flautista despertasse para uma nova existência, tomou-a nos braços e bebeu-lhe o pouco de sangue que ainda restava nas veias. Depois, cravou-lhe a flauta em cheio no coração. No exacto momento em que este morria para o mundo dos homens, o som do borbulhar vermelho que ascendeu pelo interior da flauta a forçar a sua saída por todos os orifícios lembrou-lhe um solo desafinado e toscos. A experiência foi desagradável, não gostava de flautas, exacerbavam o sabor metálico do sangue. Recolheu o último vestígio da existência de Antoine que jazia no chão, aparentemente inerte e alheio a tudo – o violino. Tomou nas mãos o instrumento da sua transformação, sentindo nele um reconhecimento pelo reencontro ao fim daqueles anos, como se, desde tempos imemoriais, pertencessem um ao outro. Alice demorou-se na observação detalhada do violino, do arco e do estójo que os albergava, passou os seus dedos com suavidade pelas cordas ainda quentes de Sibelius, pela madeira bem preservada apesar da

idade e pelo estójo em pele como seda onde, pela primeira vez, sentiu o relevo de uma inscrição quase invisível ao olho humano. Alice sabia que todos os seus gestos a partir daquele momento deixariam de ser plantados no mundo dos homens. Já nada a ligava aos vivos para além do sangue. Era agora um vampiro e, pela primeira vez, aceitava essa condição ao ponto de obter uma satisfação até então nunca sentida em cumprir o seu destino.

Naquela noite de certezas, Alice chegou a casa cansada mas sem a sensação de tarefa cumprida. Carregava nas mãos o violino de Antoine, o mesmo que a iniciou na sua existência de filha da noite. Consciente de que a morte dele nunca poderia alterar o seu estado eterno, sabia agora que, mais que a retribuição pela sua condição imposta, o seu destino era perpetuar essa mesma condição. O impulso que a levava a se apropriar da música guardada nos violinos daqueles que matava nada mais era que o cumprimento de um designio maior. Não era só vingança contra Antoine, esse era o sentimento humano que ainda lhe restava e que a fazia manter-se naquele mundo dos homens de forma funcional. Algo superior e transcendente movia-a no mundo onde nascera pelas mãos de Antoine e pelas cordas do seu violino. Entrou no quarto onde apenas ia naqueles dias em que se alimentava de música e sangue e onde nós, todos os troféus obtidos ao longo de todas essas batalhas, a aguardávamos.

O quarto era parcamente iluminado pela luz do tecto, a janela permanecia sempre fechada, os estores corridos de forma a não penetrar a mais pequena luz que nos perturbasse o sono e o silêncio. Todas as paredes estavam ocultas por estantes de portas envidraçadas. Ao acender a luz não se via qualquer rasto de pó a circular no ar, não havia partículas que pairassem naquele lugar quase asséptico. Alice entrou no quarto levando o violino de Antoine, sabendo que aquele seria o último que aí iria entrar e o que marcaria a diferença. No interior do quarto e com a luz acesa era possível ver o nosso leito dos últimos tempos, o interior das estantes envidraçadas. Estava repleto de violinos alinhados, éramos dezenas e aguardávamos o dia em que ganharíamos nova vida. Aquela dia. Olhou-nos, os violinos que vinha recolhendo desde o dia da sua transformação, os violinos que a maravilhariam nas mãos daqueles a quem bebeu o sangue. Faltava este que tinha agora consigo, o violino

daquela que lhe bebeu o sangue, o violino vampiro e o único que nos poderia transformar. Colocou o violino de Antoine no centro do quarto numa pequena mesa. Pousou-o, o arco ao lado, e saiu do quarto fechando a luz e a porta. Aquela era o nosso momento, o dos violinos e não dos homens, embora em breve nós e ela fôssemos partilhar da mesma sede de sangue para a eternidade.

Era sexta-feira: Alice saiu da Repartição de Finanças para a rua ao fim da tarde. Seguiu para o Chiado, olhou as montras das lojas da moda. Não chovia, Alice apreciava aquela liberdade de caminhar com apenas o saco nas mãos onde se ocultava um vestido preto e o estójo onde dormia o violino de Antoine. Neste dia não ia à Gulbenkian. Há meses que os seus dias eram ocupados com os seus planos recentes: escorrer música e espalhar sangue pelo mundo através das nossas cordas e da forma mais prosaica que encontrou – uma loja de violinos. Tinha tarefas a cumprir, era tempo de nos dar destino, nós violinos renascidos que esperávamos pelo nosso novo percurso de existência. Caminhou pela rua sonhando com os dias em que nos iria ouvir, o som apaixonado dos filhos da noite nas mãos das suas vítimas antes da apoteose das palmas e do sangue. Seguiu Chiado acima em direcção à antiga oficina de Antoine, agora a sua loja de violinos com inauguração marcada para breve. Entrou na loja onde aguardávamos, expectantes e ansiosos, pelo dia em que seríamos acolhidos. Sentou-se junto da antiga secretária que ainda restava dos tempos de Antoine e abriu as gavetas na esperança de encontrar alguma informação que complementasse aquilo que encontrou no estójo do violino dele. Nada mais encontrou que pó e manchas de sangue. Restava-lhe apenas seguir aquela pequena inscrição que encontrara no estójo do violino onde constava o nome e morada do fabricante do instrumento. Jesouin Vlasov, algures no Bairro Judeu em Barcelona. Para Alice não existiam dúvidas, Jesouin Vlasov era a assinatura que se perdia num recanto da madeira do violino de Antoine e já muito coçada pelo roçar do seu ombro, o responsável pela criação daquele violino vampiro, certamente ele próprio um deles. E agora Alice ambicionava tomar-lhe o ofício, aprender com ele aquela arte de criar música e morte.

Alice saiu levando o violino de Antoine. O vestido preto ajustava-se bem ao corpo de contornos de final da adolescência disfarçados até então por roupas e posturas adequadas à sua suposta idade no mundo

dos vivos. Ao ombro esquerdo pendia uma pequena mala onde transportava apenas uma carteira e o bilhete de avião que a levaria a Barcelona. Na mão esquerda balançava o estojo em pele contendo o violino de Antoine. Não necessitava de mais nada. A mão direita seguia livre, o braço roçando levemente na anca que apenas se levantou para um breve aceno na nossa direcção. Seguiu directa ao aeroporto, a montra ainda oculta não deixava vislumbra-se sequer a sua inexistente sombra assim que fechou a porta atrás de si. Mas, por breves minutos, era possível escutar o eco decrescente dos seus sapatos firmes pisando a calçada até nada mais se ouvir ou sentir dentro daquele espaço.

O nosso destino seria esperar, assistir à partida dela para Barcelona, a sua busca pelo mestre, a sua aprendizagem e, finalmente, o seu regresso com toda a sabedoria que nos iria perpetuar. Uma ingenuidade. Não foi difícil para Alice encontrar a oficina já obsoleta onde se criava a morte em forma de música há séculos. Jesouin Vlason esperava-a, pelo que não foi com surpresa ou espanto que a viu entrar. Num primeiro olhar reconheceram-se como iguais. Ele viu nela um vampiro novo, uma mulher, um corpo ainda fresco e com a memória do tempo dos vivos. Era tudo o que necessitava para a construção de mais uma obra-prima. Ela viu apenas um vampiro velho e gasto como as paredes escuras e empoeiradas do cubículo onde a recebeu. O facto de estar sentado na sua minúscula bancada tornava difícil ver que era um homem de estatura alta, mas adivinhava-se a secura dos seus ossos e pele. A sua pele branca da ausência de sangue e do excesso de pó da madeira cobria-lhe os movimentos lentos e metuculosos com que manuseava um violino enquanto a inquiria, sem grande curiosidade, dos motivos da sua visita. As mãos, ásperas como lixa, terminando em dedos grosseiros, caejados e massacrados pelo manuseamento da madeira, contrastavam com o corpo de aparência delicada.

Alice mostrou-lhe, então, o violino de Antoine, que mereceu um imediato olhar de reconhecimento pela sua obra-prima. Jesouin tomou-lhe das mãos o instrumento e acariciou-o suavemente, detendo-se nas pequenas falhas de uso.

– Estranhas mãos onde ele foi parar. Consegue tocá-lo? Este foi feito para reconhecer o verdadeiro mestre. Calculo que Antoine o deixou de ser...

– Antoine está morto.

– Boas notícias as que me traz. Surpreendida? Pensava a menina que me afligiria com o facto de ele estar morto? – perante o olhar surpreendido de Alice, Jesouin prosseguiu – só a inveja por ter sido a mão que pôs cobro a tão nefasta existência. Calculo que não saiba o que temos em comum. Também eu nasci dele, mas comigo ele não teve a amabilidade de me tornar eternamente jovem, como pode consertar tatar.

Alice olhou aquele eternamente velho com alguma pena, embora os seus sentidos lhe impusessem cautela. Jesouin aparentava uma velhice macia, os seus gestos eram fátigados e o tom de voz lembrava-lhe a ternura do seu avó. Mas o olhar daquele ancião aparentemente adorável lembrava-lhe outro olhar mais jovem e que vira pela última vez a desfazer-se em pó nos jardins da Gulbenkian.

Jesouin escondia, com a sabedoria dos muitos anos vividos e muitos séculos no limiar da morte, a felicidade que o invadia. Antoine morto, o violino dele novamente nas mãos que o haviam criado e agora ela, aquela que iria permitir a realização do seu mais profundo desejo desde que ficara imortalizado naquele corpo inútil que pouco lhe permitia.

– Mas o que queria saber era... como tocar este violino?

No exacto momento em que Alice o interrogava, Jesouin levantou o arco do violino de Antoine; Alice olhou, confiante, como se recebesse a primeira aula; e com uma agilidade inesperada, em vez de o colocar sobre as cordas do violino, trespassou-lhe o coração. Tal como a primeira vez, Alice entregou o seu destino sem dor ou resistência. Como se sempre tivesse o conhecimento e a certeza de que o seu nascimento, vida e morte fossem envolvidos nas cordas do violino. Como se o momento da sua morte fosse o preciso instante entre a nota final do último andamento e o profundo silêncio da plateia antes da ovação. E antes mesmo que se desfizesse em pó, Jesouin retirou do seu corpo já sem qualquer resto de vida as cordas vocais.

Foi tudo o que sobrou de Alice. Agora cobrem de forma perfeita o corpo em madeira, num alinhamento perfeito de um violino que nunca desafina. O primeiro violino. O de Antoine, o segundo. Faltávamos nós para compor aquela orquestra sangrenta de violinos e Jesouin ver o seu sonho cumprido de nos juntar a todos num só tom.

Susana Caldera Cabaco

Por isso, embora impacientes e ansiosos, esperamos. Apesar desta sede que nos revolta as cordas, desta fome que nos corrói a madeira mais do que o caruncho, esperamos. Mas, enquanto esperamos, alguém quer tocar violino?